

Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa

TÂNIA MANUEL CASIMIRO*

RESUMO

Apresenta-se espólio exumado em habitação de meados do século XVIII, possivelmente abandonada aquando do Terramoto de 1755, registando vestígios de incêndio. A maior parte dos materiais demonstra carácter doméstico, utilizados na manutenção da casa e nas actividades quotidianas. Abunda a cerâmica comum, vidrada ou esmaltada, de fabrico local, registando-se apenas três produções exógenas.

Palavras-chave: habitação – século XVIII – cerâmica – faiança – quotidianos

ABSTRACT

This paper presents remains exhumed in a dwelling of the middle 18th century, which had probably been abandoned by the time of the 1755 Earthquake, showing traces of fire. Most materials indicate domestic features, being used in housekeeping and daily activities. There is plenty of coarse ware, lead and tinglazed, of local manufacture, being only registered three imports.

Keywords: Dwelling, 18th century, ceramics, faïence, daily routines

* Doutorada em História – especialidade de Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) das Universidades Nova e do Algarve, Departamento de História, Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa. E-mail: tania.casimiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A edificação de empreendimento designado EPUL Jovem7, nas encostas em torno da praça do Martim Moniz, levou à necessidade de acompanhamento e intervenção arqueológica desenvolvida pela Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa. Os trabalhos arqueológicos, coordenados pelos arqueólogos João Muralha e Cláudia Costa, decorreram no período entre Janeiro e Junho de 2002. Posteriormente foram retomados sob a coordenação da Dr.^a Manuela Leitão (Calado e Leitão, 2004, p. 459).

A área intervencionada ofereceu vestígios que remontam ao Neolítico Antigo, Calcolítico e Idade do Bronze com o achado de indústrias em sílex e diversas cerâmicas. Do período romano reconheceu-se *ustrinum* do século I d.C, bem como poço. Posteriormente foi ocupada em época islâmica identificando-se diversos silos. Com o início da ocupação cristã de Lisboa, a zona parece ter sido abandonada, talvez devido à retracção da cidade, algo que caracterizou os núcleos urbanos do sul de Portugal durante os séculos XIII e XIV. Arqueologicamente não foram identificadas quaisquer estruturas correspondentes ao período medieval cristão, nada se registando até ao século XVII (Muralha, Costa e Calado, 2002, p. 245). Durante aquele hiato a área foi coberta por espessa camada de coluvião, provocada pelo arrastamento de terras do topo da encosta e onde os materiais arqueológicos são apenas residuais.

Com o crescimento da cidade de Lisboa, a população viu-se, a partir do século XVI, obrigada a ocupar locais que até então apenas albergavam hortas e olivais junto das quais passava a muralha fernandina que «atravessava o vale da Mouraria, que atravessava no sítio do actual Martim Moniz; subia a encosta do Monte de Sant'Ana até ao cruzamento da calçada deste nome com a rua Martim Vaz;» (Oliveira e Viana, 1993, p. 192). A Encosta de Santana era assim recortada

pela muralha medieval onde, até bem andada a centúria de quinhentos, pouco mais devia existir à superfície que hortas e terrenos de cultivo, como confirma a toponímia urbana, onde encontramos a Rua da Parreira de Cima ou o Beco das Parreiras, actual rua da Palma.

Foi durante a época filipina que as estruturas identificadas na Encosta de Santana foram edificadas, cronologia assegurada pela descoberta de numisma na base de um dos muros. Aquele funcionava como parede da habitação que aqui apresentamos. Se a época da sua construção é deste modo assegurada, a do seu abandono não nos deixa espaço para dúvidas: inícios de Novembro de 1755. Os estratos queimados e o nível de destruição revelam os vestígios do incêndio que durante dias assolou a cidade, apenas travado pela cerca fernandina. A disposição do espólio revela a sua distribuição por diferentes zonas da área intervencionada com maior concentração em certos locais em detrimento de outros. A ausência de objectos de valor pode revelar que este espaço teve tempo de ser abandonado quando o fogo se dirigia encosta acima deixando para trás o dispensável ou o que se encontrava irremediavelmente danificado devido ao abalo sentido pelas nove da manhã. A confirmar a destruição deste local na data acima indicada, apontamos a descoberta de cerca de uma dezena de estruturas de sustentação do aparelho anti-sísmico denominado «gaiola pombalina». Como se sabe, este tipo de edificação foi apenas usado depois da catástrofe de 1755 e encontra-se imediatamente acima da UE 65, interpretada como a ocupação moderna do local onde foram recolhidos os artefactos aqui descritos e analisados.

2. A ANÁLISE DO ESPÓLIO

O espólio que nos propomos a estudar é proveniente das unidades estratigráficas 65 e 72, do sector 2, da escavação da Encosta de Santana, correspondendo à ocupação moderna do local. Estas duas camadas condizem essencialmente com nível de terras argilosas negras, com vestígios de incêndio onde foram encontrados a grande parte dos materiais em estudo (UE65), enquanto que a UE72, trata-se de desmontagem de pequena estrutura, contemporânea da camada acima referida. A intervenção nestas duas camadas forneceu conjunto de 468 fragmentos cerâmicos, dos quais foram seleccionados 65, de diversas tipologias, consideradas representativas no seio do universo mais vasto, bem como utensílio em osso. Ainda que não representados foram ainda exumados alguns objectos metálicos como pregos ou uma pequena chave. A maioria dos objectos apresenta elevado grau de fragmentação, provocado, numa primeira instância, pelo cataclismo natural e, numa segunda, pelas terraplanagens efectuadas pós-terramoto de modo a construir novos edifícios, como se comprova pelos alicerces das gaiolas pombalinas. Estes materiais encontravam-se associados a estruturas que sugerem tratar-se

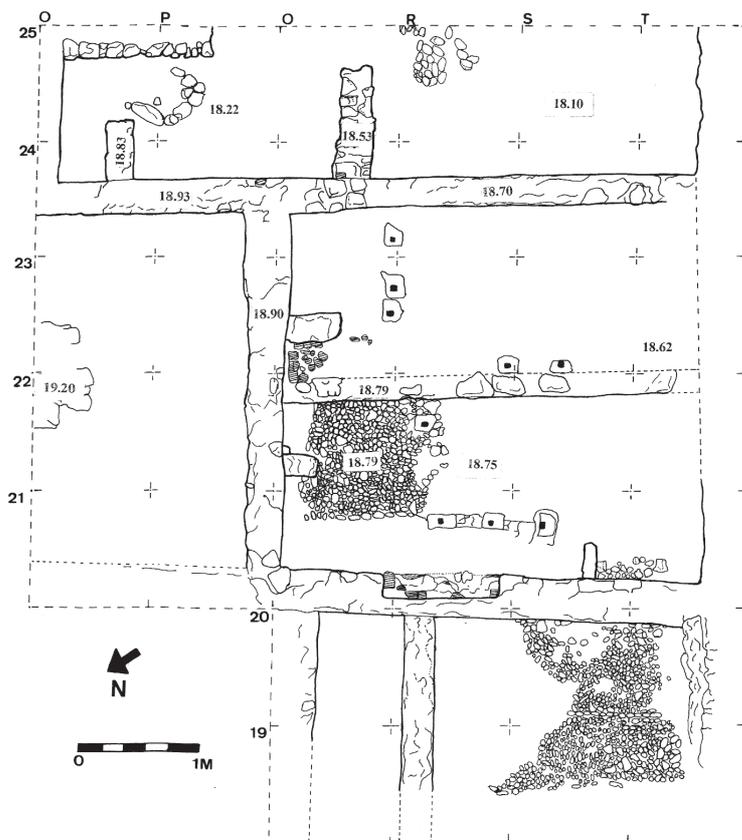


Fig. 1 – Planta das estruturas modernas do Sector A da Encosta de Santana (seg. Muralha e Costa, 2004)

de muros, em alvenaria, outrora pertencentes a habitações (Muralha e Costa, 2004).

A maioria dos objectos foi recolhida nas quadrículas Q21, Q22, Q23, R21, R22 e R23 que, como se pode confirmar através da planta da escavação, se identifica com pequeno compartimento. Aquele poderia corresponder a secção de casa, anexa aos restantes aposentos se encontravam ali ao lado, nas restantes quadrículas. O número de achados pode mesmo indicar zona de preparação e consumo de alimentos, talvez mesmo a cozinha da habitação, tendo em atenção a descoberta de pequena lareira. A planta rectangular corresponde à tipologia das casas modernas que tem sido identificada em diversas cidades portuguesas,

nomeadamente Évora, Santarém ou Aveiro (Beirante, 1995; Cunha, 2006; Barbosa, Casimiro e Manaia, 2009).

Numa primeira fase procedemos à inventariação de todos os fragmentos, bem como à sua marcação. Foram registados com sigla que revela o local da escavação, seguido pelo ano da intervenção, quadrículas, unidade estratigráfica e finalmente o número de inventário dado a cada fragmento (ex: ESA02.R21.65.387)

A catalogação das peças seleccionadas para estudo assentou na divisão dos objectos consoante a sua funcionalidade, tanto que esta nos pareceu a melhor forma de analisar o espólio que preenchia o interior de residência. Desta forma, o catálogo encontra-se dividido em louça de armazenamento, louça de cozinha, louça de mesa, contentores de fogo, outros fragmentos (peças que não se identificam com nenhuma das tipologias apresentadas), cerâmica industrial e objectos em osso.

3. CATÁLOGO

3.1. Cerâmica

Louça de Mesa

Taça (ESA/02.U25.1). Fragmento contendo porção do bordo, corpo e fundo da peça. O bordo apresenta perfil semicircular e o fundo aparenta ser plano e, pouco acima deste, existe pequena carena. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. O núcleo das paredes apresenta tonalidade amarelada (2.YR8/2). Ambas paredes oferecem revestimento a esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante, com decoração reticulada na cor azul. O diâmetro do bordo seria de 0,196 m e do fundo de 0,121 m. A espessura média das paredes é de 0,006 m.

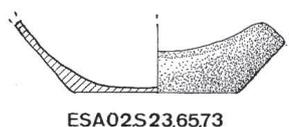
Taça (ESA/02.U25.8). Fragmento contendo porção do bordo e do corpo da peça. O bordo é extrovertido, de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. O interior das paredes é amarelado (2.YR8/2). Oferece revestimento de esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante e decoração na cor azul com várias linhas diagonais no interior das quais surgem pequenas espirais. O diâmetro do bordo seria de 0,157 m e a espessura média das paredes de 0,004 m.

Prato (ESA/02.U25.14). Fragmento contendo o fundo, assente em pé anelar. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos e micáceos de grão médio a pequeno. A pasta é vermelha escura (10R6/8) e o interior foi brunido. O diâmetro do fundo é de 0,076 m e a altura do pé de 0,018 m. A espessura média das paredes é de 0,006 m.

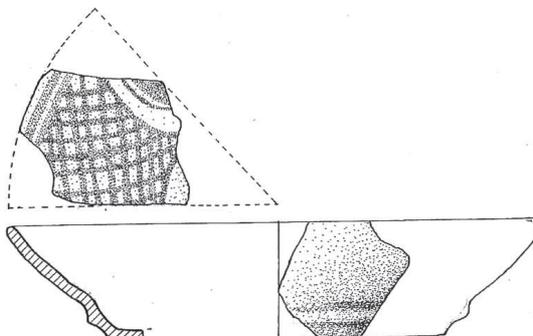
Taça (ESA/02.U25.15). Fragmento contendo porção do bordo, apontado, de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis e tonalidade amarelada (2.YR8/2). Apresenta revestimento a esmalte branco, estanífero, muito aderente e brilhante. O diâmetro do bordo seria de 0,159 m e a espessura média das paredes é de 0,007 m.

Taça (ESA/02.U25.31). Fragmento contendo porção do bordo, corpo e arranque do fundo. O bordo é extrovertido e ondulado. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. O núcleo das paredes é branco de leve tonalidade amarelada (2.YR8/2). Apresenta revestimento a esmalte branco estanífero, muito aderente e brilhante. O interior apresenta aranhão inserido em cartela enquanto o tardo mostra linhas verticais, tudo na cor azul. O diâmetro do bordo seria de 0,270 m e o do fundo de 0,198 m. A espessura das suas paredes de 0,006 m.

Taça (ESA/02.U25.35). Fragmento contendo porção do fundo. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, finos a finíssimos e tonali-



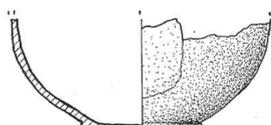
ESA02S23.65.73



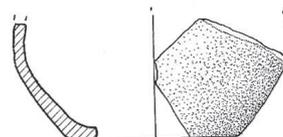
ESA02.U25.1



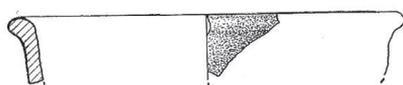
ESA02.QRST23.65.83



ESA02.TU24.65.106



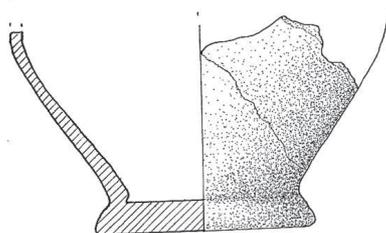
ESA02.Q23.65.282



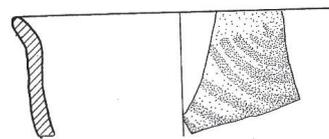
ESA02.TU24.65.135



ESA02.Q23.65.352

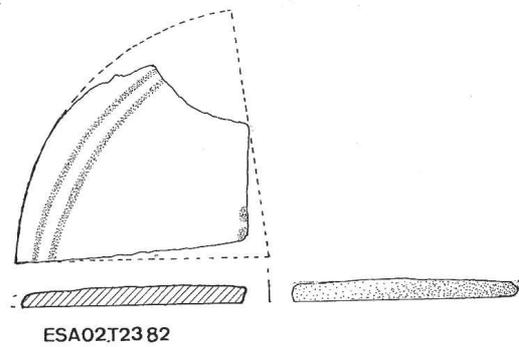
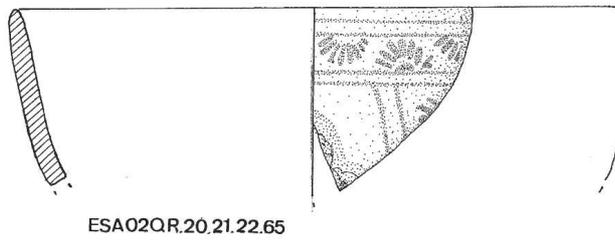
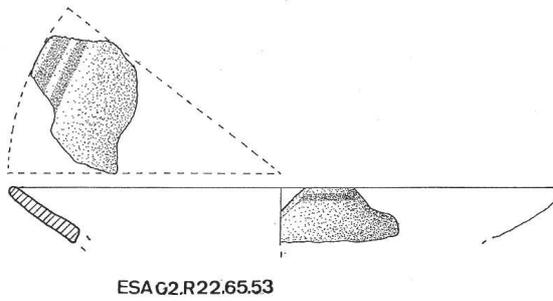
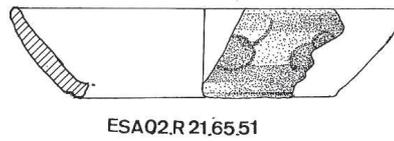
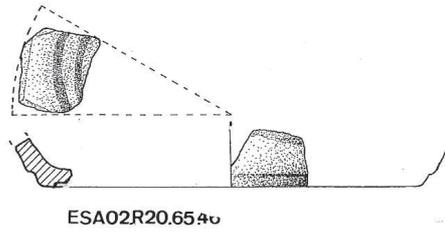


ESA02.TU24.65.125



ESA02.T20.72.381





dade amarelada (2YR8/2). As paredes apresentam revestimento a esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante. Apresenta motivos vegetalistas com diferentes tonalidades na cor azul. A espessura média das paredes é de 0,004 m.

Taça (ESA/02.R23.65.37). Fragmento contendo porção do bordo extrovertido com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão médio a pequeno. A cor da pasta é vermelha (10R6/8). Oferece revestimento vítreo amarelo melado, aderente e brilhante, que cobre o interior e o bordo. O diâmetro do bordo seria de 0,343 m e a espessura média das suas paredes é de 0,009 m.

Jarra (ESA/02.R23.65.42). Fragmento contendo porção do bordo e do colo. O bordo apresenta perfil semicircular possuindo linha incisa, muito ténue, que o demarca do colo. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, de pequena dimensão, micáceos e quartzosos. As paredes apresentam cor alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do bordo seria de 0,061 m e espessura média das suas paredes de 0.004 m.

Taça (ESA/02.QR20/21/22.65.46). Fragmento contendo porção do fundo, assente em pé anelar. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, apresentando tonalidade amarelada (2YR8/2). O revestimento é efectuado com esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante. A decoração foi elaborada com linhas na cor azul. O fundo teria um diâmetro de 0,142 m e 0,005 m de espessura.

Taça (ESA/02.QR20/21/22.65.51). Fragmento contendo porção do bordo, corpo e arranque do fundo. O bordo apresenta perfil semicircular e o fundo assenta em pé anelar. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos imperceptíveis, apresentando tonalidade amarelada (2YR8/2). O revestimento é efectuado com esmalte branco estanífero, aderente e brilhante. A decoração foi efectuada nas cores azul e castanho violeta. O bordo teria um diâmetro de 0,144 m e o fundo de 0,094 m. A espessura média das paredes é de 0,004 m.

Taça (ESA/02.QR21/22.65.53). Fragmento contendo porção do bordo com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos imperceptíveis, e de tom amarelado (2YR8/2). Oferece revestimento a esmalte branco estanífero, aderente e brilhante. A decoração apresenta linhas semicirculares na cor azul. O diâmetro do bordo seria de 0,108 m e a espessura médias das paredes de 0,007 m.

Prato em porcelana (ESA/02.QR21/22.65.64). Fragmento contendo porção do bordo. Este apresenta-se extrovertido com perfil semicircular. Apresenta um revestimento vítreo translúcido, com decoração vegetalista na cor azul. A espessura média das paredes é de 0,002 m.

Jarra (ESA/02.S23.65.73). Fragmento contendo porção do fundo, plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quart-

zosos, de pequena dimensão. Apresenta cor alaranjada (2.5YR6/8), bem como marcas de fogo. O diâmetro do bordo é de 0,061 m e a espessura média das suas paredes de 0,003 m.

Taça (ESA/02.QRST23.82). Fragmento contendo porção do fundo. Este embora se revele plano é possível que tenha possuído pequeno pé devido à ausência de desgaste. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos imperceptíveis, de tom amarelado (2YR8/2). Oferece revestimento a esmalte branco, estanífero, aderente e brilhante, decorado na cor azul. O diâmetro do fundo seria de 0,089 m com 0,007 m de espessura.

Taça (ESA/02.QRST23.83). Fragmento contendo porção do bordo com perfil semicircular e marcas de desgaste. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e com tonalidade amarelada (2YR8/2). A superfície encontra-se totalmente revestida com esmalte branco estanífero, pouco aderente e pouco brilhante. O bordo teria uma dimensão de 0,070 m e a espessura média das paredes de 0,006 m.

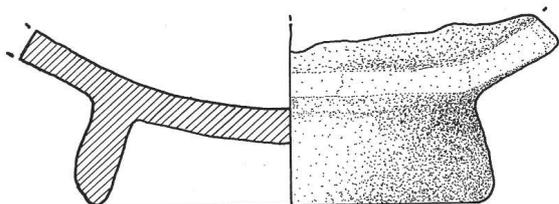
Prato (ESA/02.QRST23.88). Fragmento contendo porção do fundo da peça assente em pé anelar. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de média e pequena dimensão. A pasta apresenta cor vermelha (10R6/8) e o interior foi brunido. Existe pequena carena junto ao fundo. O diâmetro do fundo é de 0,052 m e a espessura média das paredes de 0,004 m.

Jarrinha (ESA/02.TU24.65.103). Fragmento contendo porção do fundo que assenta num pequeno pé destacado de base plana. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, muito finos, micáceos e quartzosos. Apresenta cor vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do fundo é de 0,084 m e a espessura média das suas paredes de 0,003 m.

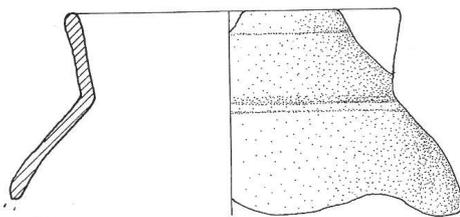
Jarro (ESA/02.TU24.65.125). Fragmento contendo o fundo, plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena dimensão. A pasta tem cor vermelha (10R6/8). O exterior apresenta cobertura vítrea, amarela melada. O diâmetro da base é de 0,083 m e a espessura média das paredes de 0,005 m.

Taça (ESA/02.TU24.65.135). Fragmento contendo porção de bordo, extrovertido e de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena dimensão. O núcleo das paredes revela cor vermelha (10R6/8) e ambas superfícies revestimento vítreo, aderente e muito brilhante, verde no exterior e bordo e amarelo no interior. O diâmetro do bordo seria de 0,144 e a espessura médias das paredes 0,006 m.

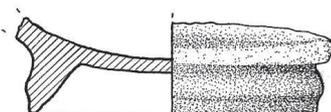
Asa de púcaro (ESA/02.TU24.65.142). Apresenta secção sub-triangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena dimensão. A cor da pasta é vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O comprimento total da asa é de 0,053 m e a espessura de 0,012 m.



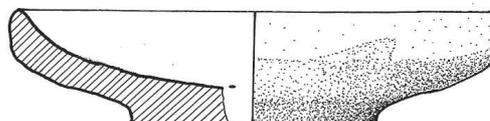
ESA02.U25.65.14



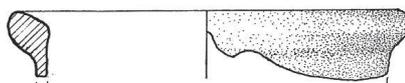
ESA02.R23.65.42



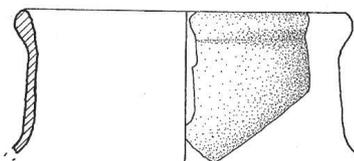
ESA02.T23.65.88



ESA02.Q23.65.157

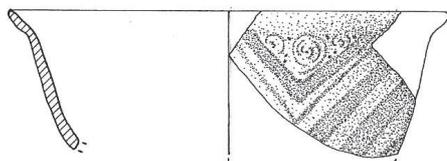


ESA02.R21.65.189

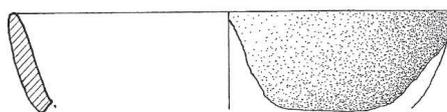


ESA02.Q23.65.315

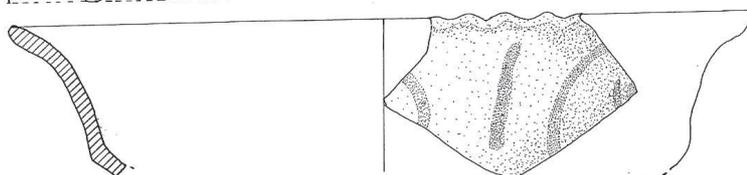
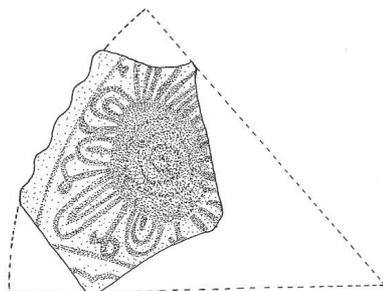




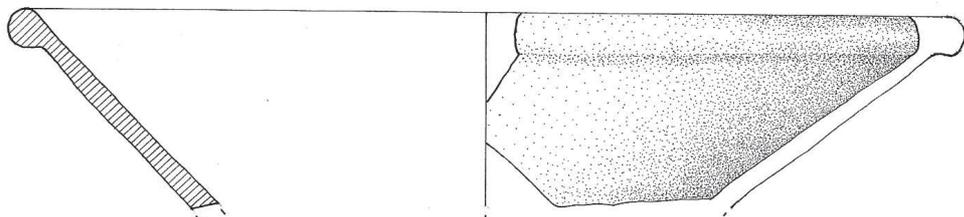
ESA02.U25.65.8



ESA02.U25.65.15



ESA02.U25.65.31



ESA02.R23.65.37



Saleiro ou especieiro (ESA/02.Q23.65.157). Fragmento contendo porção do bordo, do fundo e do corpo da peça. O bordo apresenta lábio de secção semicircular e o fundo, base plana. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos, finos e finíssimos. A tonalidade da pasta é bege clara (2YR8/2). A superfície apresenta revestimento a esmalte branco estanífero, muito aderente mas pouco brilhante, envolvendo a quase totalidade da peça. O bordo teria 0,088 m de diâmetro e o fundo 0,045. A espessura média das paredes é de 0,006 m.

Jarrinha (ESA/02.QR20/21/22.65.189). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, pequenos e finos. A cor da pasta é alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do bordo seria de 0,072 m e a espessura média das paredes é de 0,003 m.

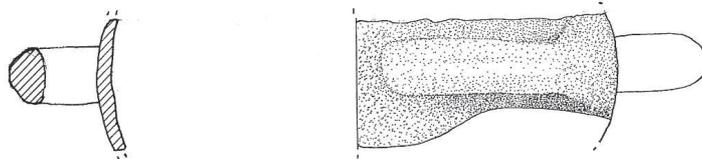
Taça (ESA/02.QR20/21/22/65.224). Fragmento contendo porção do bordo e do corpo da peça. O bordo apresenta perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. A pasta apresenta tonalidade branca amarelada (2YR8/2). Apresenta revestimento a esmalte branco estanífero, brilhante e aderente, decorado na cor azul com quatro linhas horizontais e motivos vegetalistas. O bordo apresentaria 0,023 m de diâmetro e a espessura média das suas paredes é de 0,007 m.

Prato (ESA/02.S21.65.264). Fragmento contendo porção do bordo com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. O núcleo das paredes apresenta cor amarelada (2YR8/2). O revestimento foi efectuado a esmalte branco, estanífero, pouco aderente e pouco brilhante, decorado com uma linha na cor azul junto ao bordo. O diâmetro da peça é de 0,261 m e a espessura média das suas paredes de 0,006 m.

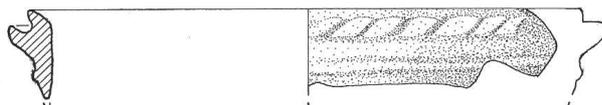
Jarro (ESA/02.Q23.65.282). Fragmento contendo porção do fundo, plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena dimensão. A pasta apresenta cor castanha acinzentada (2.5YR5/4). Revela marcas de fogo. O diâmetro do fundo seria de 0,060 m e a espessura média das paredes é de 0,005 m.

Jarrinha (ESA/02.Q23.65.305). Fragmento contendo porção do corpo globular e asa horizontal com perfil sub-triangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de média e pequena dimensão. A cor da pasta vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do bojo é de 0,092 m e a espessura da média das paredes é de 0,003 m. A espessura da asa é de 0,011 m.

Jarrinha (ESA/02.Q23.65.306). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil algo biselado. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão pequeno e fino. A tonalidade é



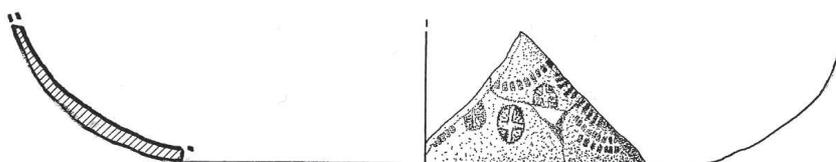
ESA02.Q23.65.305



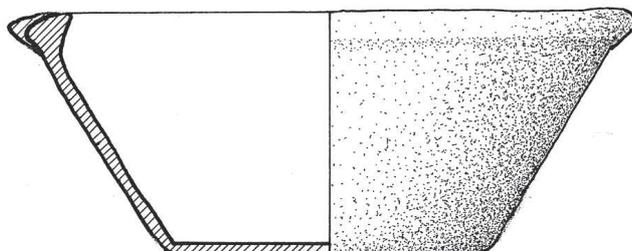
ESA02.Q23.65.306



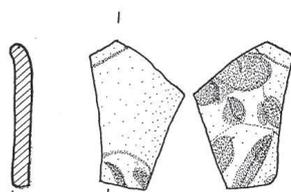
ESA02.Q23.65.407



ESA02.T22.65.444



ESA02.Q22.65.447



ESA02.R21.65.64



vermelha alaranjada (2.5YR5/8) no exterior da peça e laranja claro (2.5YR8/8) no interior e núcleo das paredes. O bordo apresenta diâmetro de 0,104 m e a espessura média das paredes é de 0,002 m.

Púcaro (ESA/02.Q23.65.315). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido e de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos, de pequena dimensão. A cor da pasta é vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do bordo seria de 0,063 m e a espessura média das paredes é de 0,003 m.

Taça (ESA/02.Q23.65.352) – Quase completa. O bordo apresenta perfil semicircular e o fundo assenta em pé anelar baixo. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos imperceptíveis, apresentando cor amarelada (2YR8/2). O revestimento foi efectuado com esmalte estanífero branco pouco aderente e pouco brilhante. O diâmetro do bordo é de 0,161 m. A altura total da peça é de 0,034 m e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

Asa de púcaro (ESA/02.R22.65.369). Apresenta secção subtriangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de pequena e média dimensão. A pasta apresenta tonalidade vermelha alaranjada (2.5YR6/8). A espessura é de 0,013 m.

Taça (ESA/02.UT20/21/22/23/24.72.381). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido e de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, apresentando tonalidade amarelada (2YR8/2). Oferece revestimento de esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante. É decorado na superfície exterior com linhas semicirculares na cor azul de cobalto. O diâmetro do bordo seria de 0,124 m e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

Pequena taça (ESA/02.Q22/23.65.407). Fragmento contendo pequena porção do bordo extrovertido e de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e tonalidade bege clara (2YR8/2). A cobertura da pasta apresenta esmalte estanífero, aderente mas pouco brilhante, de coloração azul decorada com linhas de cor azul mais escura. O diâmetro do bordo seria de 0,112 m e a espessura média das paredes é de 0,003 m.

Taça (ESA/02.Q22/23.65.412). Fragmento contendo porção do bordo. O bordo é extrovertido de perfil semi-circular, aplanado superiormente. O fundo é plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e cor amarelada (2YR8/2). Apresenta revestimento a esmalte branco estanífero, aderente mas pouco brilhante. Foi decorada com duas linhas concêntricas junto ao fundo no interior das quais se encontra motivo vegetalista e ainda algumas pinceladas na superfície do bordo. O fundo apresenta um diâmetro de 0,102 m e o bordo de 0,212 m. A altura do fragmento é de 0,052 m e a espessura média das suas paredes é de 0,006 m.

Pequena taça (ESA/02.T22.444). Fragmento contendo porção de arranque do fundo. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis. O núcleo das paredes é vermelho claro (10R 3/8) e ambas superfícies vermelho escuro (10R 4/8), muito bem brunidas, tendo recebido engobe. A decoração foi elaborada através de estampilhas, oferecendo motivos ovais com cruz no interior e por pequenas marcas rectangulares que se encontram associadas em disposições circulares. A dimensão do fundo seria de 0,096 m e a espessura média das suas paredes é de 0,003 m.

Taça (ESA/02.Q22/23.65.447). Quase completa. O bordo é extrovertido de perfil semi-circular. Possui duas pequenas asas subtriangulares e o fundo é plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de média e pequena dimensão. A cor da pasta é vermelha clara (2.5YR6/8), apresentando vestígios de fogo e cal. O diâmetro do bordo é de 0,111 m e o do fundo de 0,0059 m. As asas têm 0,004 m de espessura. A altura da peça é de 0,044 m e a espessura média das paredes de 0,003 m.

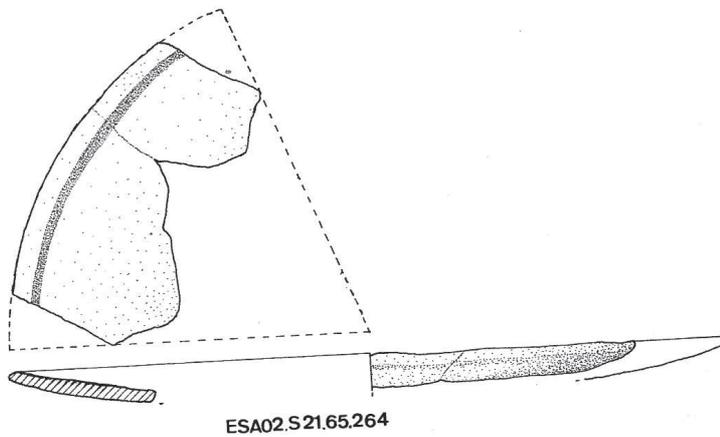
Louça de Cozinha

Panela (ESA/02.U25.24). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido e biselado. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de pequena e média dimensão. Mostra tom vermelho alaranjado (2.5YR6/8), registando marcas de utilização ao fogo. O diâmetro do bordo seria de 0,165 m e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

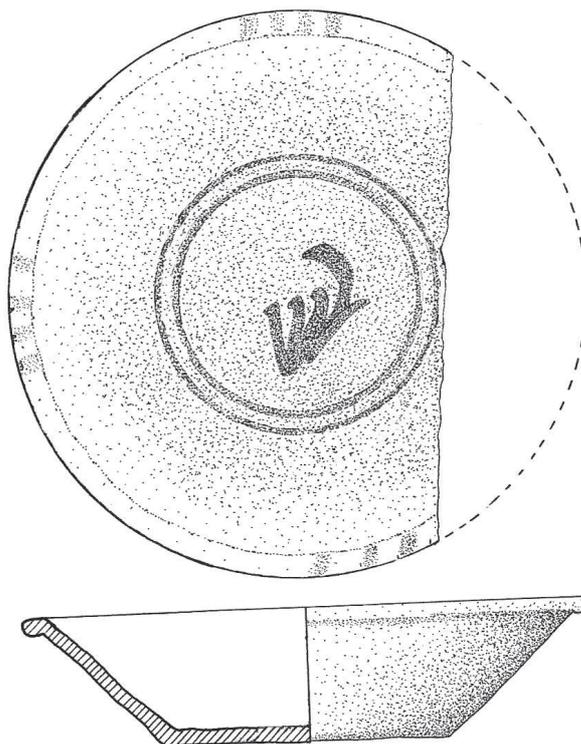
Alguidar (ESA/02.R23.65.41). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. O núcleo das paredes apresenta tonalidade vermelha (10R6/8). O interior foi revestido com vidrado, aderente mas pouco brilhante, de tom amarelo melado que também cobre o bordo. Aquele teria 0,335 m de diâmetro e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

Testo (ESA/02.TU24.65.109). Fragmento contendo parte do fundo, bordo e pega. O fundo é plano e o bordo apresenta perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, de pequena e média dimensão, micáceos e quartzosos. As paredes apresentam cor vermelha (2.5YR6/8). O bordo teria 0,125 m de diâmetro e o fundo 0,047 m. A altura total do fragmento é de 0,021 m e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

Caçoila (ESA/02.TU24.65.127). Fragmento contendo porção do bordo e asa subtriangular. O bordo é extrovertido, aplanado superiormente de secção semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos, de pequena e média dimensão. Apresenta tonalidade vermelha (10R6/8) e mostra vestígios de ter sido utilizada ao fogo. O diâmetro do bordo seria de aproxima-

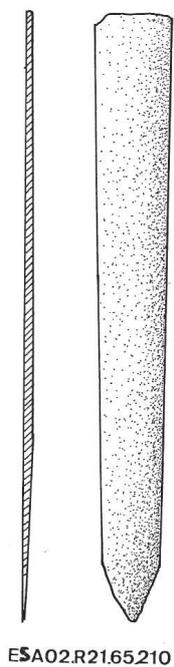
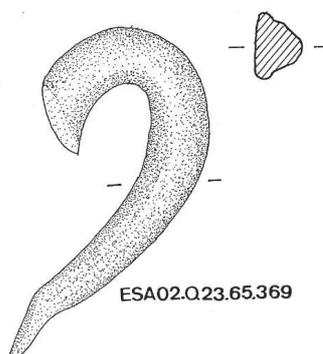
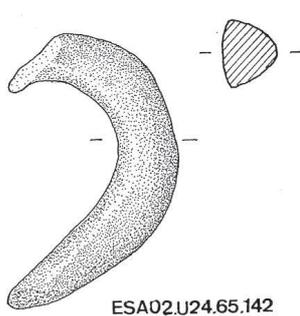
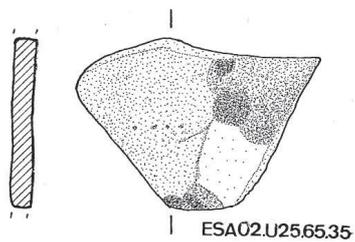


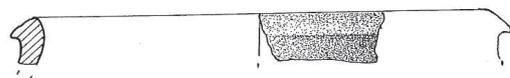
ESA02.S21.65.264



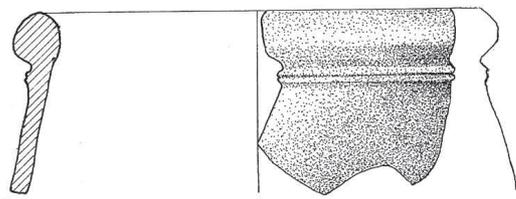
ESA02.Q23.22.65.412



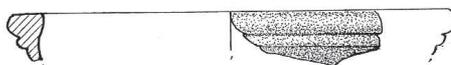




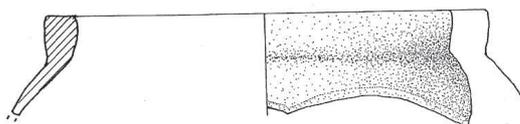
ESA02.U25.65.24



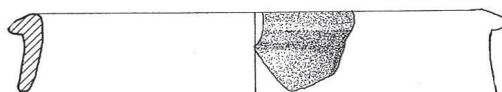
ESA02.Q.2365.172



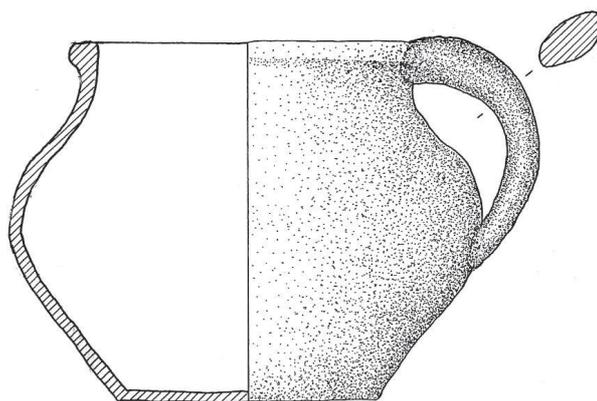
ESA02.Q.20.65.236



ESA02.Q.2365.273

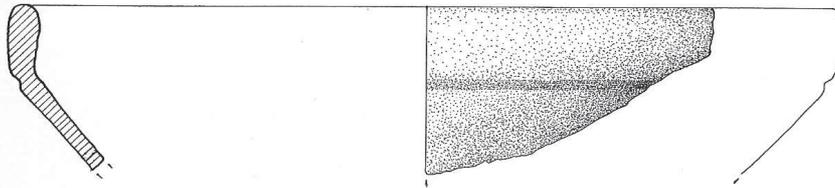


ESA02.Q.23.65.311

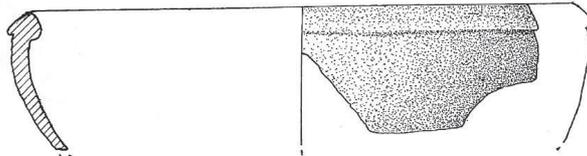


ESA02Q23.65.415

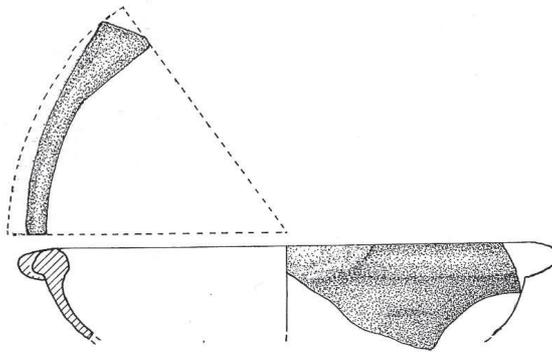




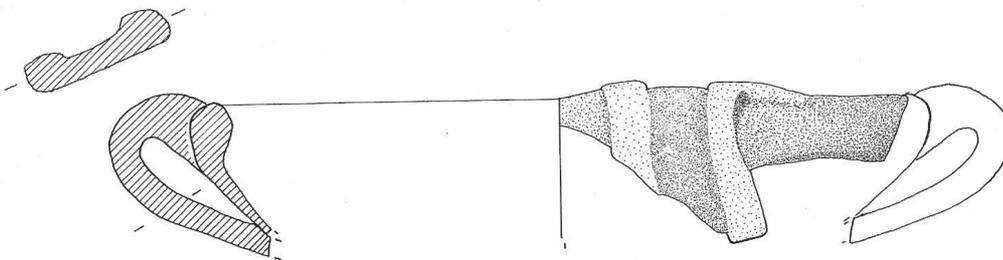
ESA02.T24.65.128



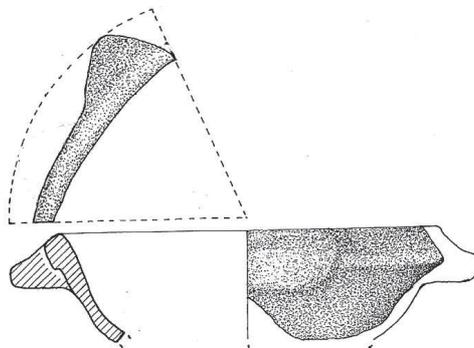
ESA02.R21.65.212



ESA02.Q2165.220



ESA02.S21.65.263



ESA02.Q23.65.271

0 5CM

damente 0,284 m. A asa apresenta 0,021 m de largura e a espessura média das paredes é de 0,005 m.

Caçoila (ESA/02.TU24.65.128). Fragmento contendo porção do bordo de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de média e pequena dimensão, com tom avermelhado (10R6/8). O bordo teria um diâmetro de 0,298 m e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

Panela (ESA/02.Q23.65.172). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido com perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão, e de tonalidade vermelha (10R5/8). A dimensão do bordo seria de 0,159 m e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

Testo (ESA/02.QR20/21/22.65.202). Fragmento contendo parte do fundo, plano, e pega da peça. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, de pequena e média dimensão, micáceos e quartzosos. A cor da pasta é vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O fundo apresenta de diâmetro 0,058 m e a espessura média das paredes é de 0,007 m.

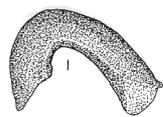
Caçoila (ESA/02.QR20/21/22.65.212). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido e algo biselado. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. Mostra cor vermelha (2.5YR6/8). Apresenta marcas de ter sido utilizada ao fogo. O diâmetro do bordo seria de 0,200 m e a espessura média das paredes é de 0,005 m.

Caçoila (ESA/02.QR20/21/22.65.220). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil semicircular e asa subtriangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. Oferece uma tonalidade avermelhada (2.5YR6/8). O diâmetro do bordo seria de 0,172 m e a espessura média das suas paredes de 0,003 m.

Panela (ESA/02.Q20.65.236). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, de pequena dimensão, micáceos e quartzosos. A tonalidade da pasta é vermelha (10R6/8). A dimensão do bordo seria de 0,158 m e a espessura média das suas paredes de 0,006 m.

Caçoila (ESA/02.S21.65.263). Fragmento contendo porção do bordo, apontado, de perfil semicircular e asa, sobrelevada côncava-convexa. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. Mostra cor vermelha (10R5/6). A dimensão do bordo seria de 0,252 m, e a espessura média das paredes de 0,004 m. A asa tem uma largura de 0,055 m e 0,013 m de espessura.

Caçoila (ESA/02.Q23.65.271). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil sub-retangular e asa subtriangular. A pasta é homogénea e com-



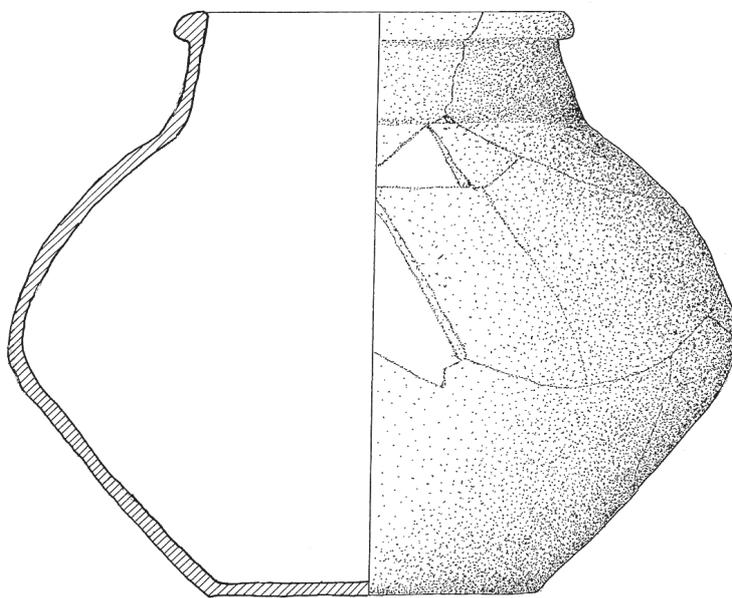
ESA02.T24.72.379



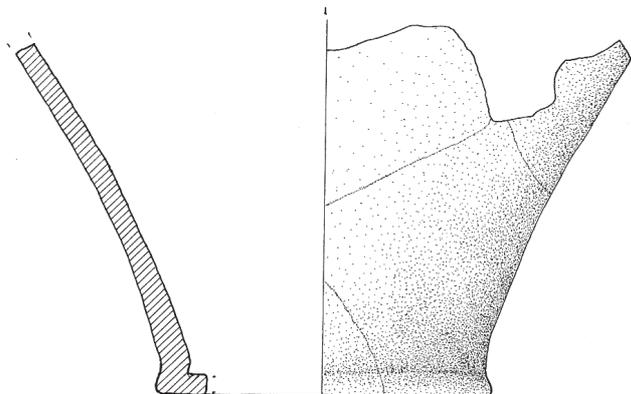
ESA02.T24.65.109



ESA02.R2165.202



ESA02.Q22.65.468



ESA02.Q22.65.414



pacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. O núcleo das paredes apresenta tonalidade laranja (2.5YR7/8) e ambas superfícies tom vermelho (10R4/8). Revela sinais de ter sido utilizada ao fogo. O bordo apresentaria um diâmetro de 0,142 m e a espessura média das paredes é de 0,005 m. A asa possui 0,011 m de espessura.

Panela (ESA/02.Q23.65.273). Fragmento contendo porção do bordo, de perfil sub-retangular, aplanado superiormente. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena dimensão. O núcleo das paredes mostra tonalidade alaranjada (2.5YR7/8) e ambas superfícies são vermelhas (2.5YR5/8). O bordo teria 0,162 m de diâmetro e a espessura média das suas paredes é de 0,004 m

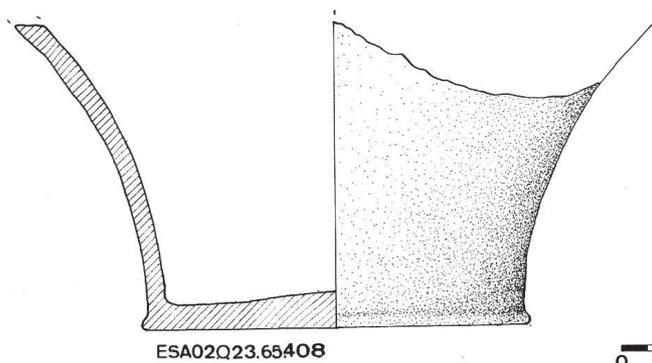
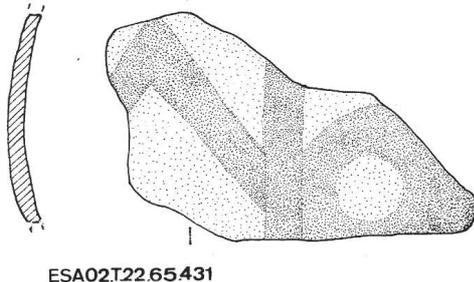
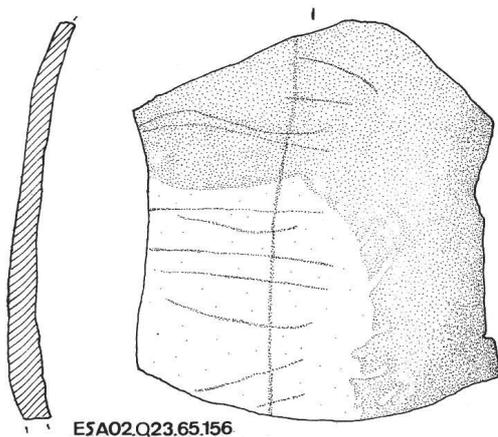
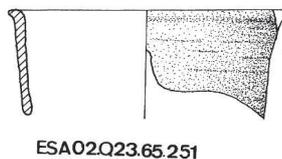
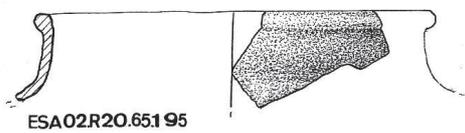
Panela (ESA/02.Q23.65.311). Fragmento contendo porção do bordo. Este é extrovertido, de perfil semicircular e aplanado superiormente. A pasta é homogénea e compacta com elementos não plásticos micáceos e quartzosos de pequena e média dimensão, com uma tonalidade alaranjada (2.5YR6/8). Possui linha brunida abaixo do bordo e apresenta marcas de fogo. O diâmetro do bordo seria de 0,168 m e a espessura média das paredes de 0,005 m.

Asa de panela (ESA/02.UT20/21/22/23/24.72.379). É horizontal e apresenta secção subtriangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, pequenos e finos. Mostra tonalidade vermelha alaranjada (2.5YR6/8). A espessura do fragmento é de 0,012 m.

Alguidar (ESA/02.R20/21.65.385). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido, algo biselado. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão grande, médio e pequeno. O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R5/6). O revestimento interno foi efectuado a esmalte verde de excelente qualidade, aderente mas pouco brilhante. O diâmetro do bordo seria de 0,746 m e a espessura média das paredes é de 0,021 m.

Alguidar (ESA/02.R20/21.65.387). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, médios e pequenos. A pasta é vermelha (10R5/6). Apresenta revestimento vítreo amarelo melado, aderente mas pouco brilhante, no interior da peça e no bordo. O diâmetro do bordo seria de 0,142 m e a espessura média das paredes é de 0,009 m.

Panela (ESA/02.Q22/23.65.415). Quase completa. O bordo é extrovertido, espessado exteriormente, com um perfil semicircular e aplanado superiormente. O fundo é plano, a asa vertical e de perfil oval. A pasta é compacta e homogénea, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão médio e pequeno. Apresenta tonalidade alaranjada (2.5YR6/8). O bordo tem 0,129 m de diâmetro e o fundo 0,094 m. A altura total da peça é de 0,132 m e a espessura média das paredes é de 0,005 m.



Testo (ESA/02.Q22/23.65.446). Quase completo. O fundo é plano e o bordo apresenta perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão médio e pequeno. A cor da pasta é alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro do bordo seria de 0,141 m e o do fundo 0,060 m. A espessura média das paredes é de 0,005 m.

Louça de Armazenamento

Cântaro (ESA/02.Q23.65.156). Fragmento contendo porção do bojo da peça. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos, quartzosos e cerâmica esmagada, de pequena e média dimensão. Apresenta tom vermelho alaranjado (2.5YR6/8). No exterior a peça apresenta uma mancha de engobe branco com diversas linhas incisadas na horizontal que atravessam uma linha incisada na vertical. A espessura média das paredes é de 0,008 m.

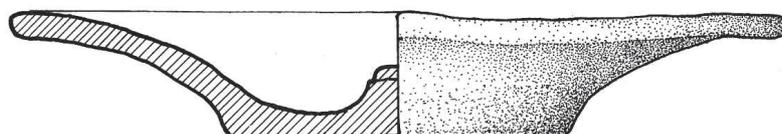
Cântaro (ESA/02.QR20/21/22.65.195). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido de perfil semicircular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. O núcleo das paredes mostra cor vermelha (10R 3/1) e ambas superfícies cor cinzenta (10R5/8). O diâmetro do bordo seria de 0,145 m e a espessura média das suas paredes é de 0,005 m.

Cântaro (ESA/02.QRST23.65.251). Fragmento contendo porção do bordo, extrovertido, espessado interiormente. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, de pequena dimensão, micáceos e quartzosos. Apresenta tonalidade alaranjada (2.5YR6/8). O bordo teria 0,102 m de diâmetro e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

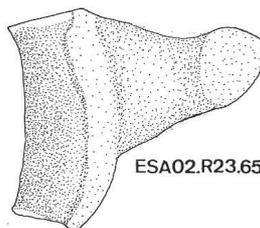
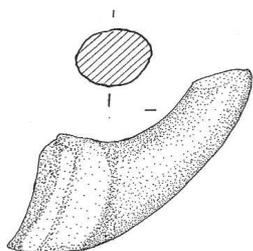
Cântaro (ESA/02.Q22/23.65.408). Fragmento contendo porção do fundo, plano. A pasta é compacta e homogénea, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. O tom da pasta é vermelha (10R5/6). O diâmetro do fundo é de 0,143 m e a espessura média das suas paredes é de 0,006 m.

Cântaro (ESA/02.Q22/23.65.414). Fragmento contendo arranque do fundo, plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de pequena e média dimensão. A pasta apresenta tonalidade vermelha (10R5/6). O diâmetro do fundo era de 0,124 m e a espessura média das paredes de 0,010 m.

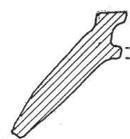
Cântaro (ESA/02.T22.431). Fragmento contendo porção do corpo. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão pequeno e fino e de tonalidade bege (7.5YR8/2). À superfície exterior foi dada aguada de tom vermelho e por cima desta foram pintados, com tinta igualmente vermelha, mas mais escura, motivos geométricos. A espessura média das paredes é de 0,007 m.



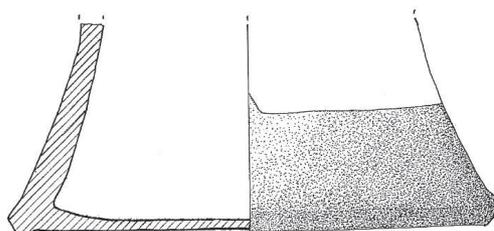
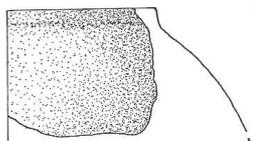
ESA02.Q22.65.446



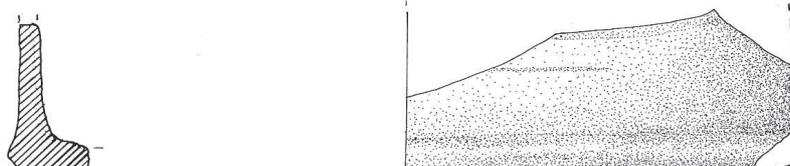
ESA02.R23.65.94



ESA02.T24.65.110



ESA02.S21.65.262



ESA02.R23.65.363



Cântaro (ESA/02.Q22/23.65.468). Fragmento contendo o fundo, porção do corpo e do bordo. O bordo é extrovertido de perfil semicircular e o fundo apresenta base plana. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, quartzosos, de pequena e média dimensão. O núcleo das paredes é de cor vermelha 10R 3/1) e ambas superfícies mostram cor cinzenta (10R5/8). O seu interior oferece vestígios de cal. O bordo teria 0,146 m de diâmetro e o fundo 0,120 m. A espessura média das paredes é de 0,005 m.

Contentores de Fogo

Lucerna (ESA/02.QRST23.94). Fragmento contendo porção do reservatório, circular, e da asa, com secção oval. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão médio e pequeno. A cor da pasta é bege clara (2YR8/2). O diâmetro do reservatório era de cerca de 0,086 m com 0,020 m de altura. A espessura média das paredes é de 0,005 m.

Fogareiro (ESA/02.TU24.65.110). Fragmento contendo porção do corpo e arranque da grelha que se encontra na parte superior da fornalha. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão médio e pequeno, apresentando tonalidade vermelha alaranjada (2.5YR6/8). O diâmetro da peça é de 0,056 m e a espessura média das paredes é de 0,010 m.

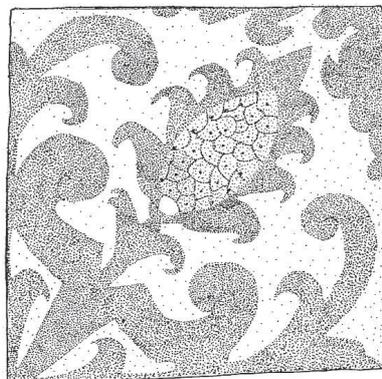
Fogareiro (ESA/02.S21.65.262). Fragmento contendo o fundo, assente em base plana, e parte do arranque da abertura da fornalha. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de média e pequena dimensão, com tonalidade vermelha (10R5/6). O diâmetro do fundo é de 0,173 m e a espessura média das paredes de 0,011 m.

Outros Objectos

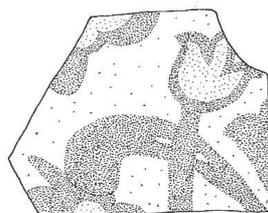
Vaso de quarto (ESA/02.R23.65.363). Fragmento contendo porção do fundo, plano. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, micáceos e quartzosos de grão pequeno. O núcleo das paredes mostra cor vermelha alaranjada (2.5YR6/8). Foi completamente revestido com vidro verde, pouco aderente. O diâmetro do fundo seria de 0,292 m e a espessura média das paredes de 0,011 m.

Cerâmica Industrial

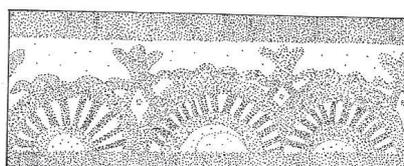
Azulejo (ESA/02.QRST23.101) Apresenta forma subquadrangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e de tonalidade amarelada (2YR8/1). Revela cobertura de esmalte estanífero branco aderente e brilhante, decorada na cor azul com motivos vegetalistas. Apresenta aproximadamente a mesma dimensão de ambos os lados (0,138 m), embora quebrado em algumas zonas, com uma espessura de 0,014 m.



ESA02R23.65.101



ESA02.R21.65.208



ESA02.R23.65.259



Azulejo (ESA/02.QR20/21/22.65.208). A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e tonalidade amarelada (2YR8/1). Apresenta revestimento a esmalte branco estanífero, aderente e brilhante, com decoração vegetalista a azul e amarelo. O estado de fragmentação da peça não nos permite saber a sua forma, mas a espessura das suas paredes é de 0,013 m.

Azulejo (ESA/02.QRST23.65.259). Apresenta forma sub-rectangular. A pasta é homogénea e compacta, com elementos não plásticos, imperceptíveis, e de tonalidade amarelada (2YR8/2). Mostra revestimento de esmalte estanífero branco, aderente e brilhante, decorado nas cores azul e amarelo. Oferece adorno com o motivo das rendas. A altura total da peça é de 0,058 m e a largura de 0,146 m, com uma espessura de 0,014 m.

3.2. Objectos em Osso

Utensílio em osso (ESA/02.QR20/21/22.65.210). Tipo espátula, mostra ponta triangular. Tem de altura 0,113 m e 0,012 de largura média, sendo a espessura de 0,002 m.

3.3. Cronologias e paralelos formais

Os materiais exumados nas escavações deste local permitem apontar para cronologias entre os finais do século XVII e meados do século XVIII, especialmente para a segunda metade de setecentos. A cerâmica de mesa é sem dúvida a mais frequente, com abundante número de faianças. Estas, devido às suas características formais e decorativas, podem ser atribuídas às produções pré-industriais das oficinas lisboetas, não se registando nenhum fragmento semelhante às louças que foram produzidas depois das reformas pombalinas. Peças, formal e esteticamente semelhantes às aqui encontradas, têm vindo a ser recolhidas um pouco por todo o país, do Porto (Barreira et al. 1995) a Silves, passando necessariamente por cidades como Tomar, Santarém, Lisboa (Silva e Guinote, 1998), Cascais, Almada (Sabrosa e Santo, 1992), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) e Évora (Teichner, 1995), entre outras, produzidas num dos três centros produtores, Lisboa, Coimbra e Vila Nova.

O único fragmento de cerâmica esmaltada italiana recolhido foi identificado com as majólicas da zona da Ligúria, considerando a sua tonalidade azul, decorada a tons igualmente azuis, mas mais escuros. Surgem geralmente em contextos arqueológicos atribuíveis ao século XVII, corroborando com a cronologia aqui apresentada, com exemplos em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) e Silves (Gomes e Gomes, 1996).

Ainda que sejam peças frequentes nos arqueossítios deste período, apenas um fragmento de porcelana chinesa foi recolhido. Aquele apresenta decoração facilmente identificável e atribuível ao período Wan-li, com pequenas folhas

que deviam acompanhar crisântemo ou pêssego. É atribuído às produções do século XVII com exemplos semelhantes na Casa Museu Anastácio Gonçalves (Matos, 1996), mas igualmente em contextos arqueológicos do período que temos vindo a referir.

Ainda no contexto da louça de mesa devemos destacar o especieiro/saleiro, fundamental à interpretação quotidiana do local. Objectos desta tipologia são muito recorrentes nos contextos arqueológicos. Parecem ter sido utilizados com alguma frequência a partir do século XVI embora perdurem pelo XVII e mesmo XVIII, como os exemplares recolhidos em Silves (Gomes e Gomes, 1996) e Lisboa (Silva e Guinote, 1998).

A restante louça de mesa, na qual se incluem taças, garrafas, púcaros, jarras e pratos, com superfícies lisas ou revestidas a vidro de chumbo, podem ser facilmente atribuíveis a produções lisboetas dos séculos XVII e XVIII. Peças formalmente semelhantes têm vindo a ser recuperadas em Lisboa (Silva e Guinote, 1995), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) ou mesmo Almada (Sabrosa e Santos, 1992) ainda que sejam certamente produções locais.

De destacar a jarrinha modelada, dita louça barroca, que, pelas suas características, se insere nas produções dos séculos acima mencionados. Exemplares semelhantes têm sido recolhidos em grandes quantidades de norte a sul do país em locais como Tomar, Sintra, Lisboa, Palmela, Silves entre outros (Ferreira, 1992; Gomes e Gomes, 2007). Inicialmente considerados de produção alto alentejana sabe-se que a louça fina vermelha foi produzida em diversas localidades do país, nomeadamente Lisboa, Montemor-o-Novo, Aveiro e Silves (Gomes, 2008). Seguramente de Estremoz foi identificado apenas um pequeno fragmento de taça, bem brunido e estampilhado.

O conjunto referente à louça de cozinha é composto por peças com diversas funcionalidades. Os objectos mais frequentes são as panelas com os seus diferentes bordos de variadas dimensões, asas verticais ou horizontais, acompanhadas pelos respectivos testos, embora estas tampas fossem igualmente utilizadas na selagem de cântaros. Paralelos foram encontrados abundantemente em Lisboa (Diogo e Trindade, 1995; 2003), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) e Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999), atribuíveis sobretudo aos séculos XVII e XVIII. Igualmente com o propósito de ir ao lume, as caçoilas, também possuem formas e tamanhos distintos. As mais recorrentes apresentam asas subtriangulares de pequena dimensão com afinidade às peças recolhidas em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995), ainda que peças desprovidas de asas ou com pegadas mais robustas sejam igualmente frequentes. Identicamente recorrentes nos ambientes domésticos eram os alguidares, cuja forma e revestimento apontam para cronologia setecentista, tais como as recolhidas em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) e no Porto (Osório e Silva, 1995).

Bom indicador cronológico e contextual trata-se do vaso-de-quarto recolhido. A sua presença nos contextos arqueológicos, embora frequente, apenas se verifica com maior intensidade a partir do século XVI, com paralelos nos objectos recolhidos em Silves (Gomes e Gomes, 1996), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995) e Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999).

Devemos reter os azulejos recolhidos na intervenção. Apenas três, os mais representativos, foram representados por entre os diversos fragmentos deste tipo de material. O de maiores dimensões é dos mais frequentes, tanto nos contextos arqueológicos do século XVII, como nas paredes das casas e quintas dessa época que ainda hoje subsistem, disseminadas por todo o país, como é o caso da Capela de Madre de Deus no Bombarral. O seu motivo é a palmetta estilizada, de influência persa, que no nosso país ficou conhecida como pinha ou massaroca, sempre inserida em painel mais amplo (Simões, 1997). O azulejo com vestígios vegetalistas insere-se igualmente nesta cronologia pois pertence à conhecida família das camélias que «adoptou como tema central uma flor de pétalas embricadas» (Simões, 1997). Finalmente o azulejo sub-rectangular trata-se de friso, ou seja, azulejo de dimensões mais reduzidas que enquadrava painéis, colocado ao seu redor. A sua temática decorativa revela o conhecido motivo das rendas, tão comum ao século XVII, sobretudo a partir de 1660 (Simões, 1997).

3.2. Funções e tipologias

Os objectos aqui analisados parecem não deixar dúvidas acerca da sua funcionalidade doméstica. Constituem o que resta dos bens quotidianos de casa em meados de setecentos. As cerâmicas são efectivamente o espólio mais abundante, com representantes de quase todas as categorias conhecidas para este tipo de legado no período moderno. A sua abundância deve-se não só ao facto de serem objectos de todos os dias, utilizados constantemente na confecção e consumo de alimentos, mas igualmente por se desgastarem e partirem com frequência, sendo necessário adquiri-las em determinadas quantidades.

No que concerne à cerâmica comum, os mais abundantes pertencem à categoria dos equipamentos de cozinha. Como se pode observar no catálogo apresentado, panelas, caçoilas, alguidares e testos são frequentes. No seio daqueles destaca-se a predominância das panelas acompanhadas pelos respectivos testos, em detrimento das caçoilas, levando a acreditar numa alimentação mais à base de cozidos e ensopados (característica das populações modernas) e menos fritos. Os alguidares teriam como função a preparação dos alimentos (lavagem, levedura, secagem...) antes de estes serem confeccionados nas panelas e caçoilas ou mesmo em fornos anexos à habitação cujos vestígios não foram encontrados. Pelo seu tamanho e robustez não deviam ser peças adquiridas frequentemente. Ainda que não seja o caso é comum encontrarem-se «gatos» na reparação destes utensílios

demonstrando que seria preferível recuperá-los e não adquirir outros novos, possivelmente algo dispendiosos.

Indispensáveis à confecção de alimentos nestes contextos eram os fogareiros. Três fragmentos pertencentes a duas peças distintas foram representados, e aqueciam o conteúdo de panelas ou caçoilas. Embora o presente contexto apenas tenha revelado um único fragmento de lucerna, podemos considerar que existiriam mais artefactos deste tipo. Imprescindíveis à iluminação nocturna das habitações, era impensável não os possuir em abundância num contexto doméstico.

A cerâmica de armazenamento é igualmente constante embora apenas com uma única forma: o cântaro. No seio deste tipo destacam-se diversas variantes, inclusive dois deles decorados, um com grafitos sobre engobe branco e outro, com elementos geométricos pintados a vermelho escuro. Ambas decorações sugerem que, ainda que cumprindo função armazenista, eram igualmente objectos destinados a exposição num qualquer espaço da casa ou quiçá, ir à mesa contendo água, o que explicaria o reduzido número de garrafas.

A cerâmica destinada ao preparo e confecção de alimentos é apenas ultrapassada em número pela usada a servir à mesa. Nesta classificação incluímos não só cerâmica comum, mas igualmente louça vidrada e faiança. A forma que mais se arrolou é a taça. Salientamos a presença de pequena peça que se distingue das demais por possuir pequenas asas triangulares geralmente observadas nas caçoilas. Contudo, esta podia ter servido apenas na cozinha como pequeno recipiente destinado a guardar alimentos e jamais ter sido usada às refeições. As demais taças, devido às suas dimensões relativamente reduzidas, sugerem o seu uso como recipientes destinados ao consumo individual de alimentos, possivelmente servidos à mesa directamente nas vasilhas onde a refeição havia sido produzida ou em taças de maiores dimensões, como é o caso do singular exemplo da grande taça vidrada a amarelo, que podia ter cumprido a função de travessa, ou de uma das taças em faiança, cujas proporções sugerem utilização colectiva.

Os recipientes revestidos a esmalte estanífero apresentam, na sua maioria, cobertura de fraca qualidade, visto aquele se encontrar em péssimo estado de conservação, existindo mesmo casos onde desapareceu por completo. Contudo, nas vasilhas que ainda conservam alguns vestígios, podemos observar que aquelas apresentariam revestimento branco, espesso e brilhante, por vezes ornamentado por linhas concêntricas azuis, junto ao bordo ou ao fundo. Em dois casos ainda se preservam vestígios de decorações vegetalistas ao centro. A qualidade das pastas e esmaltes mostra que se tratam de produções lisboetas, destinada ao consumo quotidiano da população. De uma forma geral, tendo em atenção as peças aqui analisadas e comparadas com outras de cronologias afins, assiste-se, neste período, à simplificação da decoração, com o predomínio da louça exclusivamente branca, dita conventual, sobretudo nos utensílios quotidianos. Esta tendência

simplista já havia sido notada por Celso Mangucci ao analisar a documentação referente às encomendas de louça a Lisboa por parte do Convento do Salvador em Évora, onde se destacam numerosas «tigelas brancas para a cozinha» (Mangucci, 2006). Arqueologicamente esta tendência foi igualmente identificada em locais como o Mosteiro de São João de Tarouca (Sebastian e Castro, 2009).

Reduzido é o número de pratos, cuja forma plana nos levou a sugerir esta funcionalidade. Contudo, e tendo em conta a quantidade de taças registada, esta não seria uma das formas eleitas para o consumo de alimentos.

As garrafas não são dos artefactos mais abundantes. A sua funcionalidade seria a de levar substâncias em estado líquido à mesa ou mesmo conservá-las. Regista-se apenas um exemplo revestido a vidro de chumbo e quatro com superfícies bem alisadas. Igualmente destinados ao consumo de líquidos, mas de forma individual, podemos relevar os púcaros. Ainda que só tenhamos representado duas asas e um bordo, referentes a esta tipologia, destaca-se a sua presença nas mais de quatro centenas de fragmentos recolhidos. A pasta bem depurada e brunida e as suas paredes finas, não deixam dúvidas quanto à sua funcionalidade.

Utilizados nas mesas modernas e recuperados nos contextos arqueológicos a partir do século XVI são os especieiros ou saleiros, cuja função passaria por conter especiarias, empregues na alimentação. O seu reduzido tamanho sugere a raridade das substâncias neles contidas e a sua utilização em quantidades diminutas, onde apenas uma «pitada» individual seria aplicada sobre a refeição, permitindo apreciar o exotismo do seu sabor.

Embora tenhamos incluído todas as faianças nas louças de mesa, é nossa crença que algumas destas peças jamais tenham satisfeito função prática. A ornamentação é uma das características dos contextos domésticos deste período e alguns dos dados aqui presentes permitem-nos concluir acerca da sua utilização estética. Existem dois exemplos de taças, de grandes proporções, que possuem no seu interior decoração algo cuidada. Esta apresenta-se aplicada sobre esmalte de boa qualidade, numa das quais podemos identificar aranhão, elemento característico destas produções, pintado com azul de cobalto de excelente qualidade. A cronologia de produção desta peça faz-nos recuar a meados do século XVII e a suas excelentes qualidades físicas e estéticas, completamente díspares do resto dos objectos, de aspecto mais grosseiro, fazem-nos crer que se tratava de uma peça especial. A sua estima fez certamente que o seu ciclo de vida tenha sido mais longo. O mesmo pode ser dito acerca de algumas jarrinhas como será o caso do fragmento de cerâmica modelada. Influências barrocas penetraram na decoração dando-lhe um aspecto ondulado e rebuscado, acompanhando o espírito que então artisticamente se vivia (Ferreira, 1995). Um único fragmento de cerâmica alto alentejana, dita de Estremoz, foi recolhido. Este pertenceu a taça cuja tonalidade vermelho vivo e brilho, complementados com pequenas estam-

pilhas de elementos vegetalistas, tornavam agradável à vista, ocupando provavelmente lugar de destaque no ambiente doméstico. Destacamos ainda pequeno fragmento de majólica italiana cujo revestimento azul claro, em contraste com pequenos elementos vegetalistas mais escuros, pode ser atribuído às oficinas da Ligúria. Embora o grande período de produção daqueles artefactos se tenha situado algures entre os séculos *xvi* e *xvii*, não nos parece estranha a sua presença neste contexto. Uma peça deste tipo, não só rara, mas igualmente dispendiosa, era estimada e, provavelmente, mantida numa mesma família durante gerações.

Ainda que abundante nos contextos arqueológicos desde o século *xvi*, apenas um pequeno fragmento de porcelana chinesa foi recuperado neste local, pertencente a aba de prato e que deve ter sido igualmente preservado na família durante alguns anos, considerando que em meados do século *xviii* a aquisição de objectos com decorações ao estilo Wan-li não devia ser habitual.

Embora a maioria dos artefactos observados seja de importância fundamental na vivência diária de habitação, outros objectos eram requisitados nas actividades quotidianas. Este é o caso do sempre útil vaso de quarto. Apenas um exemplar foi recolhido revestido a vidro de chumbo esverdeado.

Desconhecemos a funcionalidade do utensílio em osso, ainda que a sua forma possa sugerir espátula.

São abundantes os fragmentos de azulejos recuperados deste contexto. A sua cronologia coincide com o numisma reconhecido na base de muro pelo que deviam ter revestido as paredes. As temáticas decorativas sugerem cronologias de fins de seiscentos com recurso a azuis e amarelos aplicados em motivos vegetalistas, como a camélia ou a pinha, bem como o motivo das rendas, igualmente frequente nas faianças deste período.

4. CONCLUSÕES

O espólio recolhido nesta escavação pertence indiscutivelmente a contexto doméstico, casa que se encontrava habitada em meados do século *xviii* e abandonada aquando um grande incêndio, possivelmente consequência do terramoto. De qualquer forma, a ausência de certo tipo de objectos de valor, levam-nos a concluir que os seus habitantes podem ter tentado recuperar alguns bens antes da conflagração a ter consumido, não excluindo a hipótese de pilhagem. A selagem deste contexto com as bases das «gaiolas pombalinas» ajudam a datá-lo da época aludida.

Dos objectos exumados destacam-se sobretudo as cerâmicas. Se estas se fragmentaram depois do abandono da casa ou após, quando o terreno é terraplanado, apenas o podemos supor. Os objectos deixados para trás correspondem ao que qualquer residência deste período deveria conter para a realização das suas

acções quotidianas tais como preparar, confeccionar, servir e consumir alimentos. A sua utilização e desgaste constantes faziam com que fossem adquiridas em certa quantidade em qualquer olaria local.

Mas as cerâmicas permitiam outras utilidades como a ornamentação do espaço doméstico combinando diferentes cores como os brancos, azuis, amarelos e vermelhos, possivelmente guardados dentro de mobiliário ou expostos em prateleiras. Criava-se, assim, ambiente esteticamente agradável permitindo a contemplação dos seus habitantes e o seu sentimento de bem-estar no espaço doméstico. O próprio espaço, revestido a azulejos, deveria ser agradável à vista.

Outros recipientes existiam indispensáveis à manutenção do espaço familiar tais como os vasos-de-quarto, substitutos indispensáveis das latrinas abandonadas nos contextos urbanos, após ocupação cristã do território.

A maioria dos artefactos produzidos em cerâmica comum apresenta tonalidade vermelha, o que leva a propor a sua produção em Lisboa, nos diversos fornos de louça vermelha registados na documentação da época. O mesmo pode ser afirmado relativamente às faianças. Os fornos na zona de Santos-o-Velho deviam abastecer a cidade, desde os artefactos mais elementares, como as pequenas taças, cuja função passaria pelo consumo de alimentos, às grandes peças de funções decorativas. A par destas peças existiriam vasilhas importadas como se regista pelo aparecimento dos pequenos fragmentos de majólica italiana e de porcelana chinesa que, devido ao seu custo e exotismo, compunham o ambiente. Outras peças foram semelhantemente mencionadas, como possuindo carácter ornamental e possivelmente produzidas nas oficinas alto alentejanas.

A casa em questão devia albergar família com média capacidade económica. Embora a faiança já se encontre completamente popularizada neste período, é de supor que as peças de boa qualidade fossem efectivamente dispendiosas quando comparadas com os artefactos meramente utilitários. Relativamente às importações, essas seriam sempre objectos dispendiosos, ainda que o seu número seja reduzido. Por outro lado, as posses desta família podem ainda ser medidas pela sua capacidade de consumo de certos bens como as especiarias. Embora a importação destes produtos fosse uma constante desde o século XVI, cerca de duzentos anos depois, eram ainda comodidades dispendiosas.

AGRADECIMENTOS

O presente estudo começou a ganhar forma em trabalho apresentado na cadeira de Arqueologia Moderna, no ano de 2004, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, leccionada pela Prof. Dr.^a Rosa Varela Gomes, a quem agradecemos pela orientação prestada, bem como todos os seus conselhos. Agradecemos ainda ao Museu da Cidade de Lisboa, na pessoa

da sua Directora, a Dr.^a Cristina Leite, bem como à Dr.^a Cláudia Costa que nos cedeu os materiais para estudo, encontrando-se ainda sempre disponível a qualquer esclarecimento. Não queríamos deixar de expressar o nosso agradecimento ao Arq^{to} Mário Varela Gomes por todos os conselhos e revisão do texto.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L.; ALMEIDA, I.; ANGELUCCI, D. (2006) – A Encosta de Sant’Ana antes de Lisboa: uma abordagem geoarqueológica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2, p. 127-156
- ANGELUCCI, D. (2004) – *Estudos de geoarqueologia na Encosta de Santana – Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ANGELUCCI, D.; COSTA, C.; MURALHA, J. (2004) – Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa): considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 27-47.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (2003) – Rua da Judiaria: um celeiro nos arrabaldes da vila. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 135-144.
- BEIRANTE, A. (1995) – *Évora na Idade Média*. Lisboa: Gulbenkian
- BRANCO, F. (1990) – *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CALADO, M.; LEITÃO, V. (2005) – A ocupação islâmica na Encosta de Santana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8: 2, p. 459-470.
- CALADO, R. (1992) – *Faiança Portuguesa*. Lisboa: Correios de Portugal.
- CALADO, R. (2003) – *Faiança Portuguesa na Casa-Museu Guerra Junqueiro*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais. In *Actas do IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 45-62.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Porto. 7, p. 193-212.
- CARVALHO, J. (1921) – *A cerâmica Coimbrã no século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CATARINO, H. (1992) – Cerâmicas Tardo-Medievais/Modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na Vila do Crato. In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 129-136.
- CHANTAL, S. (2002) – *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Livros Brasil.
- CUNHA, R. (2006) – O sítio e a arquitectura de uma casa quinhentista na Ribeira Santarém: ensaio tipológico das casas urbanas de frente estreita. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. 18, p. 13-36.
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (1992) – Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 163-170.
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (1995) – Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para*

- o seu estudo. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 349-354.
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (1995a) – Duas intervenções arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa, 2, p. 63-74
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (1995b) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36-44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 257-266
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 3: 2, p. 201-235.
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (2001) – Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 4: 2, p. 187-204.
- FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (1995) – Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 211-256.
- FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (2003) – A loiça seiscentista do Convento de São Francisco de Alferrara (Palmela). In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 231-252.
- FERREIRA, M. (1992) – O barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 151-162.
- GOMES, M. V. (2008) – Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII) – notícia preliminar. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 271-292.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1984) – Cerâmicas importadas dos séculos XV e XVI, encontradas no poço cisterna árabe de Silves. In *Actas do 3.º Congresso sobre o Algarve*. Silves: Racial Clube. Vol.1, p. 35-44.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1995) – Cerâmicas dos séculos XV e XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 315-348.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do Poço Cisterna de Silves. *Xelb – Silves nos Descobrimientos*. Silves, 3, p. 143-206.
- GOMES, M.V.; GOMES, R.V. (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares. *Olisipo*. II série, 27, p. 75-92.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. (1996) – Aspectos do quotidiano numa casa de Silves durante o século XV. *Xelb – Silves nos Descobrimientos*. Silves, 3, p. 33-78.
- MANGUCCI, C. (2006) – Da louça ordinária e não tão ordinária que se fazia em Lisboa, no ano de 1767. *Cenáculo. Boletim on-line do Museu de Évora* [Em linha]. Évora. N.º1 p. 1-8. [consultado em 1-7-2007] Disponível em <WWW: <http://boletimevora.googlepages.com/home3>>.
- MATOS, M. (1996) – *Cerâmica Chinesa da Casa Museu Dr. Anastásio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.
- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2002) – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Almadan*. Almada. 2.ª série, n.º 11, p. 245-246.
- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2004) – *Relatório das Escavações Martim Moniz – EPUL (Encosta de Santana / Torre do Jogo da Pela)*. Acessível em IGESPAR, Lisboa. Texto policopiado.
- MURALHA, J.; COSTA, C. (2004) – *Encosta de Santana 2002 – Martim Moniz, Lisboa. Relatório da Escavação Arqueológica*. Acessível em IGESPAR. Lisboa. Texto policopiado.
- OSÓRIO, M.; SILVA, M. (1995) – Cerâmicas vidradas da Idade Moderna no Porto. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 283-314.
- PARVAUX, S. (1968) – *La Céramique Populaire du Haut Alentejo*. Paris : Presses Universitaires de France.

- REAL, M.; GOMES, P.; TEIXEIRA, R.; MELO, R. (1992) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante, Porto. Elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX. In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 171-186.
- RIBEIRO, M. (1984) – *Olaria de Uso Doméstico na arquitectura conventual do século XVI*. Montemor-o-Novo: Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo.
- SANDÃO, A. (1985) – *Faiança Portuguesa nos séculos XVIII e XIX*. Barcelos: Livraria Civilização.
- SABROSA, A.; SANTO, P. (1992) – Almada Medieval/Moderna – um projecto de investigação. *Almadan*. Almada. 2.ª série. n.º 1, p. 5-12.
- SILVA, A. (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Lisboa: [s.n].
- SILVA, R.; GUINOTE, P. (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos – Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SIMÕES, S. (1997) – *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2 vols.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. (1997) – Intervenção Arqueológica na Travessa da Madalena, n.º 18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 3, p. 67-80.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 285-293.
- VASCONCELLOS, C. (1921) – *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.